

Existencialismo Metafísico

Conhecimento

Para vislumbrar os campos de estudos do conhecimento, devemos compará-los com as outras áreas do saber, além de conceituá-los e/ou delimitá-los. Então devemos comparar os objetos de estudo, meios ou métodos utilizados, causas, linguagens deles com cada uma das searas do conhecimento para, em seguida, fazer uma análise e síntese.

A Religião, a Ciência, a Filosofia e a Arte são os principais alicerces do conhecimento. Quanto ao objeto de estudo destes campos do saber, é o todo. As bases do conhecimento devem ser universais, pois seus objetos de estudo devem ser o todo. O objeto de estudo de todos eles é o todo. Entretanto o todo científico é apenas o mundo físico, enquanto o todo das filosofias, religiões e artes envolvem o mundo físico e metafísico.

Com relação ao meio para se chegar ao conhecimento: a Ciência utiliza as observações e os experimentos; a Filosofia utiliza a razão; a Religião utiliza a fé cega em livros sagrados; a Arte utiliza emoções em suas obras e exposições.

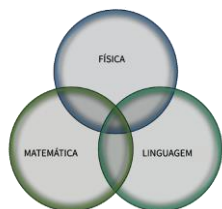
A Ciência se diz empirista, por isto, a experiência é o principal instrumento de estudo empregado por ela. Necessário se faz impressionar os sentidos para se dizer Ciência. O objeto de estudo deve ser controlado e passar por um laboratório para ser experimentado. Além das experiências, a ciências empregam a matemática para dar precisão. Ocorre que a matemática é um instrumento racional e metafísico. A matemática é o suprassumo da lógica e da Filosofia. $2 + 2 = 4$. Esta equação não precisa ser experimentada em laboratório.

Enquanto a Ciência emprega os sentidos para se obter o conhecimento, a Filosofia emprega a razão. Ao lado de evidências ou provas físicas, a Filosofia utiliza também o pensamento corroborado com os argumentos e a lógica para chegar à verdade. Apesar de a matemática ser uma abstração, todas as ciências a utilizam para dar precisão aos seus estudos. A Ciência nega o mundo metafísico, mas usa e abusa dos instrumentos metafísicos (matemática, lógica e linguagem) em suas teses e em seus estudos. Isto a torna paradoxal.

Já as religiões utilizam as “revelações” registradas em livros sagrados como meio para chegar à verdade. Os livros sagrados, interpretados pelos cleros, seriam a verdade dita diretamente por uma entidade divina. As religiões não se importam com a racionalidade, pois seus livros são repletos de contradições, repetições e ambiguidades. O que importa é a fé cega.

O conhecimento religioso tem sua origem na revelação. A Bíblia foi escrita diretamente por Deus, no caso dos 10 mandamentos, ou inspirada diretamente por ele. O Alcorão foi inspirado por Alá e ditado por um anjo. O espiritismo foi ditado pelos espíritos. Entretanto, todas as religiões pregam um mundo metafísico.

Noutro giro, as artes empregam as emoções e sentimentos como meio para se chegar a uma verdade, a uma visão de mundo. Mas a Arte maior emprega institutos matemáticos como a perspectiva, profundidade, proporcionalidade, retângulo áureo, a proporção áurea e número áureo. Se considerarmos a 2ª premissa de Max (filme Pi,



Existencialismo Metafísico

1998), “tudo ao nosso redor pode ser representado e entendido através dos números”, toda Arte é matemática. Neste sentido, a Arte aproxima das ciências e das filosofias.

A ciência convencional parte dos 5 sentidos para promover observações e experiências. Como a ciência, ela tem aversão pelas emoções e pela revelação divina. Entretanto, todas elas utilizam também a razão e mesmo todas as outras searas do conhecimento utilizam a razão. Todas searas do saber empregam a razão em algum nível para explicar a realidade.

A razão é o último degrau do conhecimento. Emoções, mitos, religiões e mesmo a experiência se diferenciam em níveis. Se um cidadão aproxima de um motor ligado e percebe que é quente, posteriormente ele não precisa aproximar do motor ligado para saber que é quente. Sua razão e não mais sua experiência irá dizer que é quente. A matemática aproxima conhecimentos com a Ciência, Arte, Filosofia e religião. O conhecimento deve usar mais a razão e a matemática para se ter uma filosofia maior.

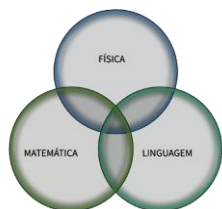
Quanto ao estudo da causa e efeito, a Ciência busca as causas próximas, enquanto as religiões, as artes e as filosofias buscam as causas últimas ou primeiras. Ao segurar um objeto no alto e soltar, o efeito vai ser o objeto cair. A ciência vai explicar o “como” isto aconteceu. Ela vai dizer que a gravidade atrai objetos entre si e equacionar aceleração, força entre outros. A Filosofia e as religiões vão até a causa primeira, o “porquê” disto. As religiões vão dizer infantilmente que foi deus que quis. Um sistema filosófico pode dizer há uma estrutura metafísica por trás de uma estrutura física.

A Ciência dividiu o conhecimento entre o sujeito (aquele que conhece) e o objeto (aquilo que se conhece). A Arte dividiu o conhecimento no “eu” e “não eu”. A Filosofia, no micro e no macro. A Religião, no Criador e na criatura. No fundo, tais divisões são a mesma coisa, contudo a Arte centra-se no artista, no “eu” (no sujeito, parte, criatura) do conhecimento, enquanto as outras bases do conhecimento se concentram no objeto. Intermediários do conhecimento, como jornalismo, biografia, diário íntimo, entre outros hibridismos, ficam entre o sujeito e o objeto.

Ainda quanto ao objeto de estudo, o método científico procura afastar o sujeito do estudo do objeto do estudo. A Ciência criou esta polarização objeto e sujeito, daí subjetividade e objetividade.

Quanto a linguagem utilizada por estes campos do conhecimento, cada uma busca sua própria linguagem para retratar o conhecimento. Além da matemática, o conhecimento precisa da linguagem para representar a realidade, também um instrumento metafísico. Se considerarmos a trindade da física (matéria-tempo-espço), o pensamento e também a linguagem são metafísicos, pois estão além da trilogia física. A linguagem é pura abstração, sem conteúdo, que todas as ciências utilizam. Também não têm variáveis de tempo-espço. Como o pensamento, podemos ir do passado para o futuro, de um mundo físico para o mundo metafísico.

Cada uma das searas do conhecimento tem uma linguagem específica para referir a fatos, objetos ausentes, passados, futuros, hipotéticos. Com sua linguagem própria, conceituam seus termos, definem seus objetos, teses e teorias. Assim podemos falar em linguagem científica, literária, teológica, filosófica. Mas não é só. Quanto mais específica uma área destas bases do conhecimento, mais específica a linguagem. Então podemos falar em linguagem médica, mecânica, jornalística, metafísica, budista, administrativa, entre outras.



Existencialismo Metafísico

A linguagem foi classificada em natural e científica pelo positivismo do século XIX. A ciência positivista elaborou seus métodos e sua linguagem, dita científica. A linguagem natural vive no cotidiano da comunidade, chamada de senso comum pela ciência. Esta linguagem comum contém, segundo a Academia, imprecisão e incerteza, devido a vícios como ambiguidade, generalidade, contradição, mitos e fábulas. A Ciência também procura retirar ideologias e emoções de sua escrita, ligadas a política e a literatura respectivamente. Como a linguagem científica, a linguagem filosófica busca precisão e unidade de interpretação.

A palavra tem carga emocional (seara da arte), semântica (campo da ciência) e de juízo (área da moral-crítica). Predomínios da emoção e de juízo apresentam a subjetividade. Predomínios dos conceitos, temos a ciência e a Filosofia. Estas buscam objetividade e precisão em seus signos. Ao contrário, artes empregam discursos polivalentes quanto à semântica. Vale dizer há várias interpretações para cada obra de arte.

Objetividade e subjetividade são dois atributos inversamente proporcionais que permeiam a escrita. Devem ser explanados preliminarmente, pois a depender de qual linguagem se utiliza mais se aproxima de uma delas ao tempo que se afasta da outra. A Arte tem a visão centrada no sujeito, a Ciência tem foco no objeto, em razão das doutrinas materialistas e mecanicistas.

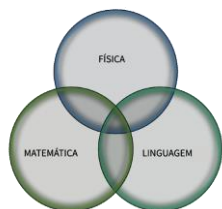
Quanto mais a linguagem se aproxima do objeto, mais se afasta da visão pessoal; e vice-versa. Logo a escrita (ou a fala) vai da subjetividade literária, passando por diversos hibridismos, até chegar até a objetividade científica. Então as linguagens literária e científica são, neste prisma, antagônicas.

O texto objetivo busca distanciar do próprio objeto de estudo. Isto dá um toque de credibilidade aos dados colhidos pela investigação científica. A Academia costuma dizer que tal objetividade dá confiabilidade a sua escrita impessoal, como se ela fosse verdade universal e impassível de questionamento.

O texto pessoal considera-se duvidoso, válido muitas vezes apenas para o autor e não para a maioria. Sinais de pessoalidade, como verbos na 1ª primeira pessoa do singular (pesquisei, estudei), pronomes igualmente na 1ª pessoa do singular (eu, meu), expressões pessoais (acho, acredito, a meu ver...), são proibidas pela Academia em suas teses e dissertações, por serem consideradas subjetivas e não confiáveis.

Quanto à linguagem artística e literária, elas são criativa, subjetiva, conotativa, preocupada com a forma livre, tem caráter pessoal, utiliza o sentido figurado com várias interpretações. Não se importa com contradições, ambiguidades, clareza, concisão, não é chegada em normatizações e padronizações, em nome da criatividade. Como regra utiliza o padrão culto, mas, por vezes, quebra regras intencionalmente (licença poética) e usa conversa coloquial nos diálogos de seus personagens. Então não se importa com a unicidade de interpretação.

As linguagens religiosas consideram seus textos sagrados, imutáveis e querem interpretação única, como a linguagem científica e filosófica. No entanto seus textos possuem fragmentos poéticos e mitológicos e provoca multiplicidade de interpretações e subjetividade. Até seus textos de aspectos legais e históricos também tem outras interpretações e gera a falta de credibilidade no conteúdo. É o caso dos 10 mandamentos que produziu uma celeuma de interpretações pelas religiões. Não se importam com



Existencialismo Metafísico

contradições, ambiguidades, clareza, mas querem normatizar e padronizar o comportamento de seus fiéis. Aspiram ao padrão culto, denotativo, mas nem sempre o atingem. Neste sentido, a linguagem religiosa se aproxima da linguagem artística.

as ciências convencionais abordam a consciência como sendo um produto do cérebro físico e limitam-se a metodologias materialistas na condução das suas pesquisas. Sob o ponto de vista multidimensional, esta abordagem materialista adotada pela Ciência convencional é inadequada para o estudo da consciência, por não atender aos seus princípios fundamentais – a verdadeira natureza da consciência ultrapassa fortemente os limites da realidade física.

Segundo o positivismo, o conhecimento vem dos 5 sentidos. Assim o empirismo não aceita a metafísica, sentidos não científicos. A objetividade empírica busca afastar o sujeito do conhecimento de seu objeto de estudo.

Outra característica da Ciência tradicional é a falseabilidade. Karl Popper acrescentou a possibilidade de desmentir uma pseudoverdade como característica científica. Ou seja, a possibilidade de algo ser refutado, o que não ocorre nas religiões.

Uma diferença fundamental entre Religião e Ciência é a ideia de verdade. Enquanto as religiões pregam a ideia do absoluto, as ciências trabalham com a ideia do relativo. As religiões, principalmente as ocidentais, pregam deus (es) imortal (is). Absoluto tem muitos conceitos: completo, global, integral, inteiro, perfeito, pleno, total, que não depende de nada, independente, incondicional, soberano, ilimitado, eterno, infinito, irrestrito, onipotente. Absoluto tem origem no latim “solutus ab omni re” e significa “em si e por si”.

A história da Ciência até Einstein e a física quântica lidava com a ideia do absoluto. Na época de Newton, as leis da natureza seriam absolutas e imutáveis. Mas Einstein com a teoria da relatividade e a física quântica com a teoria da incerteza mudaram o paradigma científico do absoluto para o relativo. No mundo material não há absolutismo, mas se tudo é relativo, então temos um absolutismo: Tudo é relativo. O relativismo tem um absolutismo e isto nos leva a um paradoxo. Apesar de existir filosofias com a ideia do absoluto, a Filosofia tende ao ceticismo e acompanha a Ciência. A Arte não tem opinião formada a respeito e trabalha com as duas ideias.

Em essência, a Ciência oficial nega o metafísico, mas utiliza de três instrumentos metafísicos: a matemática, a lógica e a linguagem.